

A Idéia de *Peregrinatio* na *Navigatio Sancti Brendani Abbatis**

Prof. Ms. Wanessa C. Asfora
Mestre pela USP

Resumo

Navigatio Sancti Brendani Abbatis é como ficou conhecido um famoso ramo de textos latinos medievais que relata a viagem marítima do santo irlandês, Brandão, e seus monges em busca da *terra repromissionis*, um longínquo paraíso insular. A narrativa deve ter sido bastante conhecida na Idade Média ocidental, pois ainda hoje mais de uma centena de manuscritos, dos quais o mais antigo data do século X, são conhecidos. Ao que tudo indica, as navegações do intrépido santo muito alimentaram o imaginário do homem daquele tempo; no entanto, são poucos os trabalhos acadêmicos que buscaram entender as razões dessa fama ou, pelo menos, compreender o sentido histórico do texto que as conta, inserindo-o e examinando-o à luz do contexto da época que o produziu e o recebeu. Identificando a necessidade de preencher tal lacuna, decidimos investigar o texto a partir da idéia de *peregrinatio*, fundamental na tecitura de seu significado.

Palavras-chave: Monasticismo, Outro Mundo, Peregrinação

Abstract

Navigatio Sancti Brendani Abbatis is a famous branch of Latin medieval texts that relates the voyage of an Irish saint, Brendan, and his monks in search of the *terra repromissionis*, a distant island-paradise. Apparently this narrative was widely known during the Western Middle Ages. There are more than a hundred extant manuscripts, from which the oldest dates back the tenth century. It seems that the journeys of the intrepid saint nourished the imaginary of medieval man; however, there are few scientific works devoted to understand the reason of such fame or at least comprehend the historic meaning of the text, inserting it and examining it in the light of the context in which it was produced and by which it was received. Identifying the necessity to fill in this gap, we decided to investigate the text examining the idea of *peregrinatio*, extremely important in the construction of its meaning.

Keywords: Monasticism, Otherworld, Pilgrimage

Dentre as várias histórias de viagem ao Além que a Idade Média conheceu, encontra-se o relato das navegações do santo irlandês, Brandão, que viajou pelos limites do mundo sobrenatural⁽¹⁾ para encontrar a Terra da Promissão. As andanças e aventuras experimentadas na companhia de um grupo de monges, ao longo de sete anos de percurso, tiveram muita popularidade e ocuparam um lugar importante no imaginário⁽²⁾ do homem medieval.

Ao que tudo indica, mesmo quando a Idade Média chegou ao fim, a história das navegações de São Brandão continuou a despertar o interesse de leitores ávidos por viagens e aventuras. A reprodução e a transmissão do relato ultrapassaram o período medieval, como atestam alguns manuscritos do século XVII ainda hoje preservados. Na realidade, esse imenso *corpus documental* apontou a existência de duas tradições textuais distintas. A primeira constituía um ramo de outra tradição já existente, a dos textos hagiográficos medievais que tratavam da vida de santos, de seu nascimento até os acontecimentos pós-morte, incluindo todos os seus feitos e milagres. Discorria basicamente sobre a vida de Brandão, do seu nascimento a sua morte, oferecendo ricos detalhes sobre sua linhagem, seus feitos religiosos e suas viagens. Na sua versão latina, esse conjunto de textos recebeu o nome de *Vita Brendani*. A segunda, no entanto, destacava-se das *vitae* por seu tom bem menos “biográfico”. Concentrando-se na narração de apenas uma das viagens realizadas pelo santo, foi o episódio que ficou mais conhecido como “lenda de São Brandão” ou “Navegações de São Brandão” e cuja denominação latina é *Navigatio Sancti Brendani*⁽³⁾.

A figura central em torno da qual gira o relato é Brandão (489-570)⁽⁴⁾, monge e santo que ficou conhecido como ‘o navegador’. As hagiografias que chegaram até nós contam que, depois de receber formação religiosa e ser ordenado padre em sua terra natal, ele teria partido pelo mundo como peregrino de Cristo e missionário da Igreja. Tudo indica que fundara uma ordem monástica própria e que viajara para estabelecer casas-filhas ao longo do território irlandês. Escócia, País de Gales, Inglaterra, Armórica e, possivelmente, a África também foram locais visitados pelo santo (Nascimento, 1988: 9-15). Contudo, de todas as suas andanças, aquela que ficou mais conhecida e que lhe rendeu notoriedade foi mesmo a viagem em busca da *terra repromissionis*. Não é de se espantar que, em meio a tantas outras experiências do intrépido navegador, seja particularmente aquela que tenha suscitado o interesse do homem de diferentes épocas. Nela estão contidos elementos que há muito encantam e atraem: mistérios, maravilhas, exotismo e o desconhecido. São Brandão e seus monges aportam em ilhas incomuns, encontram animais que falam, conhecem seres sobrenaturais, bebem águas mágicas, presenciam combates heróicos e vivenciam feitos miraculosos.

Podemos separar a *Navigatio* em três partes distintas. A primeira, sucinta, é uma espécie de introdução ao corpo da narrativa, a viagem propriamente dita. Compreende, inicialmente, a breve apresentação do protagonista Brandão; a história contada a ele por Barinto; a tomada de decisão de partir em viagem; os preparativos (incluindo a consulta a Santo Enda e a construção da embarcação); e a chegada dos três monges retardatários para se juntar ao grupo de viajantes.

A segunda parte concentra-se nos acontecimentos dos sete anos de viagem. Dentre estes, o primeiro e o segundo anos são mais facilmente demarcados. No primeiro ano, por exemplo, notamos uma descrição pormenorizada dos locais visitados que se tornarão, nos anos seguintes, passagens obrigatórias durante as festas litúrgicas: o Natal deveria ser celebrado com a comunidade monástica exemplar na Ilha de Albeu; o Pentecostes na Ilha dos Pássaros; e a Páscoa iniciada na Ilha das Ovelhas (de Quinta-Feira Santa ao Sábado de Aleluia) e finalizada no dorso da baleia (do Sábado ao Domingo de Páscoa). Tendo sido estabelecido esse itinerário básico – o fio condutor da

narrativa – passa-se ao segundo ano. Neste, encontramos a repetição das passagens pelos locais obrigatórios, a visita a quatro lugares novos – a Ilha do Poço Soporífico, o Mar Coagulado, a Ilha dos Três Coros e a Ilha das Árvores – e os dois combates entre animais assistidos em alto mar. Do terceiro ao sexto ano, parece haver um interesse menor em marcar o caráter regular e cíclico da viagem. Ao invés disso, deparamo-nos com um panorama dos locais visitados fora do itinerário central – Mar Cristalino, Coluna de Cristal, Ilha dos Ferreiros, Ilha da Montanha Fumegante, o encontro com Judas Iscariotes e com o eremita Paulo – culminando com a desejada chegada à *terra repromissionis*.

A terceira parte, curtíssima, resume-se ao retorno de São Brandão e seus companheiros ao mosteiro de origem, na Irlanda, e a subsequente morte do santo. Sabemos que organizar o texto desta maneira é por si só atribuir-lhe uma primeira interpretação de seu significado. De acordo com esta divisão, a viagem, com seu itinerário e locais visitados, ganha um peso bem maior do que o encontro da *terra repromissionis*. O que seria, a princípio, o objetivo da empreitada marítima, acaba não ocupando muito espaço dentro da narrativa. Decorre daí a importância e o peso fundamental que assume a idéia de *peregrinatio* para a compreensão do sentido da *Navigatio*. É este, então, o objeto de investigação do presente artigo.

A viagem de São Brandão é uma peregrinação. Embora a prática peregrinatória esteja intimamente associada ao alcance de locais sagrados (Dupront, 1987: 366-415), na *Navigatio*, a *terra repromissionis*, o *locus sacrum*, tem um significado importante, mas que fica em segundo plano se considerarmos, de maneira mais ampla, a experiência religiosa que a viagem como um todo representa. Em outras palavras, a trajetória povoada de aventuras, dificuldades e desafios, vai se tornando, à medida em que a narrativa toma corpo, muito mais do que um simples meio para se atingir um determinado fim. Seu sentido é mais profundo, revelando, em muitos momentos, ser o próprio objeto da busca dos religiosos.

Ao longo da história do cristianismo medieval, santuários e locais de cultos espalhados pelos campos da Europa, além de cidades como Roma, Jerusalém e Santiago de Compostela, foram centros peregrinatórios que atraíram cristãos de várias partes, tanto pelo valor simbólico adquirido com as relíquias que abrigavam, como pela sua participação na história sagrada. De forma geral, chegar até aqueles lugares estava associado a uma iniciativa aleatória e pessoal. Um caráter regular e coletivo para as peregrinações aparecerá somente a partir do século XI, com o início do movimento cruzadístico. A Igreja, grande atuante no processo de ordenação das práticas peregrinatórias, passa a oferecer como recompensa algo que vai muito além da aproximação com o divino: a purgação dos pecados e a salvação coletiva.

Assim, ao afirmar que a *Navigatio* é uma peregrinação, propomos um certo distanciamento da idéia de prática coletiva e uma aproximação da concepção primeira da *peregrinatio*. Com implicações teóricas específicas à contextura medieval a qual ela pertence, tal noção que predominou até o ano 1000, inclina-se por entender a prática peregrinatória como um exílio voluntário e pessoal na busca de Cristo e, portanto, da salvação de seus praticantes (Fletcher, 1997: 482). Particularmente no contexto sócio-cultural irlandês, a *peregrinatio* vai assumir contornos próprios. Revestida muitas vezes de um ascetismo exacerbado e de um espírito heróico ávido por aventuras, ela estará presente em grande parte da hagiografia e dos relatos de viagem do período medieval relacionados a protagonistas irlandeses, dentre os quais a *Navigatio* está, sem dúvida, inserida.

Examinaremos a seguir dois aspectos que consideramos essenciais para a compreensão do conteúdo da *Navigatio* enquanto viagem-peregrinação: a busca e o exílio.

1. A busca

Alcançar a *terra repromissionis* é o resultado de uma dupla busca que converge, ao final, em um único propósito: a salvação. A primeira dimensão dessa busca é a procura do Paraíso Terrestre. Identificamo-na facilmente, pois quando nos debruçamos sobre a narrativa, é ela que logo salta aos nossos olhos. Entretanto, por trás das heróicas aventuras, é preciso compreender o trajeto e os locais percorridos, com suas respectivas provações, como uma espécie de corrida de obstáculos cujo grau de dificuldade vai aumentando à medida que o fim se aproxima. Acreditamos que os lugares por onde passam os monges estão organizados de acordo com uma certa hierarquia moral. Se observarmos os acontecimentos “móveis” (aqueles que não se repetiam todos os anos), perceberemos que sua disposição não é aleatória. Ela segue um padrão que se direciona das coisas de menor para as coisas de maior valor moral e espiritual dentro, obviamente, do enquadramento cristão. Os maiores desafios, a Ilha dos Ferreiros e a Ilha da Montanha Fumegante, e os maiores enigmas, a Coluna de Cristal, Judas e Paulo, o eremita, encontram-se entre o sexto e o sétimo anos da trajetória. Ou seja, já bastante próximos do momento e destino final da viagem. Assim, sobreviver à Ilha Desabitada, que aparece logo no início da narrativa, não é tão meritório quanto sair ileso da Ilha dos Ferreiros ou compreender o sentido do refrigério de Judas.

Já a segunda dimensão da busca requer um olhar que vai além do texto, pois diz respeito ao engrandecimento espiritual, conseguido através da imitação do Cristo. Esta pode ser percebida no que se pretende atingir com o padrão de comportamento e atitudes dos monges durante a viagem. Sabemos que a opção pela vida monástica por si só já situava o monge em uma categoria diferenciada e mais elevada em relação ao restante dos homens. Entretanto, ela não era suficiente e nem tão pouco sinônimo de garantia da salvação final de suas almas. A *Navigatio* ensina que, na prática, era necessário algo mais: entregar-se a uma vida ascética, de constantes orações e de eterna penitência diante de Deus.

De fato, os monges só se alimentam quando Deus, por meio de seus mensageiros, permitia. Durante sete anos, suas vidas foram totalmente dedicadas a jejuns e orações. Não há um só capítulo da narrativa em que não encontremos referências a um destes aspectos. Vimos no capítulo sobre o tempo o quão presentes estão as celebrações litúrgicas ao longo do percurso. Natal, Páscoa, Pentecostes, a Festa de São Pedro, além de missas e das orações das horas monásticas, não só demarcavam o tempo, como também demonstravam como os monges cumpriam seus deveres cristãos com o mais pleno rigor e dedicação.

Já os jejuns aparecem em dois momentos diferentes da narrativa. Primeiramente quando, antes mesmo de partir na viagem que os levaria à *terra repromissionis*, São Brandão e seus companheiros decidem jejuar por quarenta dias⁽⁵⁾. Em um segundo momento, São Brandão prescreve um jejum de três dias por dois períodos consecutivos, antes de alcançarem a Ilha das Uvas⁽⁶⁾.

A prática do jejum não era uma inovação cristã. Além de várias menções existentes no Antigo Testamento, sabe-se que no mundo greco-romano era comum jejuar antes de certas cerimônias. Durante as festas primaveris do deus Átis, por exemplo, praticava-se uma novena penitencial juntamente com a abstinência de pão, de

grãos e de certas frutas, como o romã e o marmelo. Prescrito pelas leis canônicas e laicas, o jejum era normalmente praticado nas quaresmas que antecediam as três principais festas da liturgia cristã: a Páscoa, o Natal e Pentecostes. A sua desobediência ou a sua interrupção sujeitava a população de fiéis ao cumprimento de penitências, inclusive pecuniárias e corporais, que variavam segundo a gravidade. Nos meios monásticos, o jejum era considerado a primeira forma de ascetismo e antídoto eficaz contra as tentações e fraquezas do corpo (Giordano, 1983: 77-8, 83). Não é à toa que nos Penitenciais irlandeses o jejum aparecia como primeira forma de ascese (Leclercq, 1961: 59).

A relação abstinência-ascetismo fica particularmente evidente na segunda passagem destacada acima. Quando os monges estão em seu terceiro dia de jejum, chegam à Ilha das Uvas. Lá são tentados a abandoná-lo pelo perfume de romãs no qual a ilha estava imersa. Mesmo assim, o inebriante aroma não os faz desistir da obrigação para com o santo abade e para com Deus(7). Há aqui uma clara analogia com o rompimento da aliança feita com Deus por Adão e Eva no Jardim do Éden. O fruto paradisíaco(8) está ali para testá-los, mas eles provam ser capazes de ultrapassar o desafio e galgam, não sem sacrifício, mais um degrau na busca da salvação. Muitas vezes, observamos que a narrativa acentua o sentido de sacrifício que o jejum implicava por meio do uso dos números simbólicos, “quarenta” e “três”, na demarcação da duração de sua prática. Vimos no segundo capítulo que esses números funcionavam como uma espécie de intensificador do sentido do tempo a ele associado. Aqui, vale o mesmo raciocínio. Jejuar por três ou quarenta dias indicava uma gradação, mínima e máxima, no sentido de espera e preparação do corpo e da alma para a realização da peregrinação espiritual.

Entretanto, o sentido da busca não compreende apenas o ideal ascético. É necessário ir além; é preciso comungar com Deus, entregando-se totalmente e imitando o Cristo. Não é sem razão que as denominações “*miles Christi*” (soldado de Cristo) e “*famulos Christi*” (servos de Cristo) aparecem no texto para designar os monges, quando estão face ao perigo na Ilha dos Ferreiros(9). De fato, na Idade Média, o emprego da palavra *miles* com sentido religioso era bastante comum e, geralmente, designava os monges que se entregavam à *militia Dei* ou que constituíam a *militia spiritualis*, em oposição à *militia saecularis* (embora não coubesse ao período medieval a originalidade daquela utilização, que já estava presente na Bíblia) (Van Luyn, 1971: 15).

No que diz respeito ao monasticismo irlandês, era comum conjugar a idéia de milícia com a de martírio. Jean Leclercq vê nesta característica uma aproximação, tanto na concepção quanto na prática, com o monasticismo desenvolvido no Oriente e na Gália da época de São Martinho (c.316-397): os monges formavam uma espécie de exército e viviam em conjunto o martírio (que na falta de um martírio de sangue, apresentava a forma “branca”, da renúncia do mundo, e a forma “verde”, da prática de austeridades extremas) (Leclercq, 1961: 77). Interessante apontar que a afirmação de Leclercq se confirma em um outro ponto da *Navigatio*. Paulo, o eremita, é igualmente chamado de *miles Christi* (NAVIGATIO, 1989: 71).

No texto, essas idéias parecem ganhar corpo em um diálogo sobre as vantagens da vida ascética e monástica travado entre o eremita Paulo (10) e São Brandão. Como os monges, o eremita também era considerado um soldado de Cristo; entretanto, por levar uma vida quase desprovida de bens materiais, os eremitas encontravam-se acima dos religiosos regulares. Pouco comiam, pouco bebiam, pouco dormiam, não tinham casa e viviam em constante peregrinação. Na renúncia quase total do corpo e das coisas a ele

associadas, aproximavam-se cada vez mais de Deus. No próprio texto, Brandão considera-se como monge inferior a Paulo, pois este vivia em um estado angélico. Contudo, mesmo com a suposta superioridade dos eremitas, a função monástica não deixa de ser valorizada pela *Navigatio* (11).

Deus, então, havia reservado uma diferente participação para todos no mundo. O eremita Paulo, embora levasse uma vida de altíssimo valor espiritual, vivia solitário em uma rocha no meio do mar, vestido apenas por seus próprios cabelos. Por outro lado, o monge que não desfrutava de um estado tão elevado, usava do trabalho de suas próprias mãos para vestir-se e, acima de tudo, havia sido agraciado com a visão das maravilhas da Criação. De fato, a ilha na qual vivia Paulo pouco tinha das maravilhas já encontradas pelos monges em suas andanças marítimas (embora fosse perfeitamente simétrica, e o alimento ali chegasse por intermédio de um animal). Assim entendido, no plano divino, cada um possuía um lugar. Como, durante a viagem, Deus havia mostrado a São Brandão e seus monges vários dos integrantes do drama da Criação, por que não considerar o eremita como um personagem dele também?

Outra possibilidade interpretativa para a mencionada passagem seria enxergá-la como um reflexo da tensão existente entre a vida peregrina e os ideais do monasticismo beneditino no século X. Os mosteiros organizados segundo a Regra de São Bento, que dentre muitos outros preceitos, pregava a condenação dos giróvagos (S. BENTO, 1992: I, 22), há muito tempo haviam iniciado o seu enraizamento no solo europeu, ampliando o alcance de suas posições políticas, econômicas e culturais, por meio de seus religiosos influentes. Contudo, é a partir do século VIII, que se verificarão iniciativas mais concretas de controle em relação aos *peregrini*, como nos atestam cartas papais, decretos de sínodos e capitulares reais. Essa mudança de atitude que passa a enxergar de forma negativa o vagar, ainda que por inspiração religiosa, vai se intensificar nos séculos seguintes.

No século X, em uma Europa que lutava por assentar suas bases após as últimas levadas de invasões bárbaras (magiares, nórdicos e muçulmanos), a valorização da vida regular que reforçava os ideais de estabilidade cultivados pelas aristocracias feudo-clericais em ascensão, em detrimento do movimento desorientado e descontrolado de religiosos errantes, está sendo plenamente trabalhada. Com o diálogo entre São Brandão e o eremita Paulo, a *Navigatio* evidencia a sua inserção nesse momento de tomada de posição. Contudo, é interessante enfatizar que tal posicionamento aparece no texto de maneira sutil e talvez pouco resolvida, pois ao que tudo indica aquela nova visão em relação aos indivíduos errantes tinha como foco principal os irlandeses, peregrinos por natureza(12), e certamente inspiradores da escritura da *Navigatio*, não só por esta apresentar irlandeses como protagonistas, mas também pela hipótese de ter sido produzida e reproduzida em um meio monástico de forte tradição irlandesa(13).

É preciso dizer, finalmente, que as duas buscas de que tratamos aqui estão intimamente ligadas. Uma não aconteceria sem a outra. Todavia, nada há de inédito nessa dupla dimensão da *peregrinatio* medieval, Gurevitch já havia dito que “a peregrinação – uma forma de viagem muito divulgada e eminentemente respeitada na Idade Média – era entendida não como um simples movimento rumo aos lugares santos, mas como um encaminhamento espiritual em direção a Deus, como uma “imitação de Cristo” (Gurevitch, 1990: 94).

Deve-se notar que esse duplo movimento de busca, embora convergindo para um mesmo lugar, opera com diferentes orientações. A busca externa está em um plano horizontal que abriga o deslocamento por mar, a admiração do grande cenário das *mirabilia Dei* e dos setores do Outro Mundo. A busca interna insere-se em um plano vertical, de ascensão espiritual rumo ao divino. O primeiro movimento é exterior, muito

mais plástico e visual; o segundo é interior, subjetivo. A *Navigatio* está construída sobre o entrecruzamento desses dois planos.

2. O exílio

O exílio oferece a possibilidade de completude do sentido da busca, reforçando a penitência, expiação e purificação. Entretanto, é preciso deixar a terra natal de livre e espontânea vontade. Nos primeiros tempos do cristianismo, eremitas ascetas, como Santo Antônio do Egito e São Pacômio, escolhiam viver em cavernas isoladas no deserto, desprovidos de qualquer facilidade da vida material em sociedade, para travar constantes batalhas com demônios, vencê-los e chegar mais perto de Deus. Na Irlanda dos séculos VI e VII, a aproximação intrínseca entre exílio e peregrinação era uma realidade não só praticada e encorajada por homens santos como Columba e Columbano, mas também prescrita pelas leis canônicas e seculares para religiosos pecadores ou leigos que quisessem fugir a alguma responsabilidade legal(14).

Na *Navigatio*, deixar a Irlanda de maneira voluntária, cortando todos os laços possíveis com a sociedade que lhes era familiar, fica expresso em dois episódios. No primeiro deles, São Brandão e seus catorze monges, tendo recebido a bênção de Santo Enda, partem rumo à terra de seus pais com o propósito de construir a embarcação, o *currach*, na qual realizariam a grande viagem. Todavia, é retratado, no texto, um claro desejo de não rever a família (15). O segundo episódio trata da chegada dos três monges retardatários. Estes, embora pertencessem à comunidade monástica de Brandão, não faziam parte do grupo inicial escolhido pelo santo abade para realizar a viagem. Mesmo assim, imploraram pela permissão de peregrinar com eles (o verbo *peregrinari* tendo sido de fato utilizado nessa ocasião)(16).

Os três monges retardatários compõem, aliás, uma sub-narrativa dentro da *Navigatio*. Estes religiosos, assim como os demais monges, buscam a perfeição ascética e a expiação quando expressam o desejo de juntar-se ao grupo. No entanto, seus destinos os distanciarão do objetivo final da viagem. Aparentemente, cada um deles tem o fim que merece. O primeiro, tomado pelo mal, rouba um objeto de valor na Ilha Desabitada, arrepende-se e, por isso, ao morrer, sua alma pecadora é levada por anjos de luz(17). O segundo é abençoado por Deus e deixa o grupo para ficar na paradisíaca Ilha dos Três Coros e lá levar uma vida de oração(18). O terceiro é um pecador irremediável (por razões não explicitadas no texto) que, sabendo de sua condição, escolhe ficar na Ilha da Montanha Fumegante, sendo carregado para seu ventre por uma multidão de demônios(19). Assim, os três monges representariam as três vias possíveis para o cristão: a espera do final dos tempos em um lugar paradisíaco, no Inferno, ou gozando de uma possibilidade intermediária, na qual, mesmo pecador, o cristão beneficiar-se-ia da companhia dos anjos de luz em local e condição não muito conhecidos.

Enfim, os dois episódios revelam a importância da iniciativa do exílio dentro do ideal de vida monástico. Um tipo de vida na qual o isolamento e a renúncia às coisas mundanas, como por exemplo os laços de família, era um de seus aspectos constituintes. Afinal, Deus não disse “*Egredere de terra tua, et cognatione tua, et de domo patris tui, et veni in terram quam monstrabo tibi*” (Gênesis, 12, 1)?

Uma vez longe do universo familiar, os monges lançaram-se ao mar. Na narrativa, a imensidão do oceano oferece o cenário ideal para a atuação das forças cósmicas, boas e más, divinas e diabólicas. O lugar perfeito para se penitenciar, para se entregar. Ali, todas as experiências são provações. Há certas passagens no texto que traduzem significativamente esta idéia. Tratam-se daquelas nas quais aparecem as

“modalidades de vento” (vento favorável, vento desfavorável e vento ausente). Independente da forma que assume, o vento funciona como um elemento condutor e, de certa forma, determinante do percurso da viagem.

Quando favorável, o vento beneficia os navegadores, auxiliando-os na direção escolhida e facilitando a chegada da embarcação às ilhas. Desta maneira, figura em seis passagens da *Navigatio*: soprou favoravelmente para brindar o início da viagem(20); para ajudar os monges a chegar à Ilha das Ovelhas(21); para dar continuidade ao percurso após a experiência do Mar Coagulado(22); para conduzi-los para fora do Mar Cristalino(23); para prosseguir viagem após admirarem a Coluna de Cristal(24); e, finalmente, para livrá-los da terrível visão da Montanha Fumegante(25).

Sendo desfavorável ou ausente, pára de soprar e dificulta a sobrevivência dos navegadores, prolongando a viagem e fazendo com que os viajantes permanecessem mais tempo no mar, expostos a perigos, fome e sede. Identificamos essas duas modalidades em seis passagens da narrativa. Quando, após quinze dias de viagem, o vento deixou de soprar e ao final de quarenta dias a Ilha Desabitada apareceu diante dos monges(26); quando tardou a chegada da embarcação na Ilha da Comunidade de Albeu(27); quando parou de soprar para que permanecessem o tempo necessário no Mar Coagulado(28); quando um vento muito forte acompanhado de uma tempestade de granizo os impediu de navegar, fazendo com que ficassem na Ilha das Árvores, junto aos restos mortais da besta marinha(29); quando os direcionou para a Ilha dos Ferreiros(30); e quando, finalmente, os levou para a Ilha da Montanha Fumegante(31).

Na *Navigatio*, o vento é, então, um elemento ambivalente que pode ser entendido no cumprimento das funções do exílio. Ele é administrado por Deus para que os monges expiem suas penas e se purifiquem. Entretanto, embora o poder divino esteja por trás de tudo, não é facultado aos monges o direito de saber quando e onde ele se manifestará de forma favorável. Este fato cria uma tensão constante que pode ser observada em vários momentos da narrativa. Desconhecendo se estão à deriva ou sob a proteção divina, os monges recorrem constantemente às preces e aos jejuns como medidas de proteção.

Porém, terra à vista nem sempre significava o fim dos desafios e o esperado descanso para aqueles exaustos peregrinos. Independentemente da característica da ilha, a sua topografia costeira revelava um caráter funcional assemelhado ao dos ventos. Altas escarpas, ao invés de praias ou baías que funcionavam como portos naturais, impediam que os monges aportassem a embarcação. Permaneciam, assim, vagando nas proximidades das ilhas e rogando a Deus para que tal sofrimento chegasse ao fim. É o que acontece quando não encontram local para aportar na Ilha Desabitada(32); e ao ficarem retidos nas proximidades de *Jasconius*, tendo que abandonar o barco e puxar a embarcação com cordas até a costa(33).

Assim, longe dos quentes desertos do Egito, os monges da *Navigatio* encontram um meio particular de praticar o exílio. Homens do mar, os irlandeses nele enxergavam o palco mais provável da sua história. E, como monges, transportaram para seu *currach* um microcosmo da vida monástica que levavam em terra firme (Bray, 1995:2). Idéia que, de forma semelhante, é defendida por Carozzi: “*avant tout, l’abbé Brendan et ses moines donnent l’image d’une communauté pérégrinante qui parvient à ses fins par l’exercice constant de l’opus dei monastique dans son cadre liturgique, et par l’abandon total à la volonté de Dieu. Rien à voir donc avec l’expérience de visionnaires fussent’ils moines.*”(Carozzi, 1994:291).

3. A expectativa escatológica

Em seus escritos, o santo irlandês Columbano defendia a “caducidade do mundo”. Para ele, neste mundo transitório, o homem está sempre de passagem, *in via*, na iminência da morte (Leclercq, 1961:51). Columbano gostava também de dizer que viver era como estar em um barco, um barco espiritual, cujo condutor era o próprio Cristo. Estas idéias nos permitem voltar à colocação inicial deste capítulo: a viagem-peregrinação exerce na *Navigatio* um peso muito maior do que a *terra repromissionis*. O movimento de deslocamento, o buscar e o exilar-se, com todos os aspectos que estas atividades envolviam, parece enraizar-se mais profundamente na mente e na alma do leitor/ouvinte do que a contemplação do Paraíso Terrestre.

A peregrinação, exílio e busca em última instância, é um meio de se atingir um estado de vida quase edênico. Aproximar-se da condição humana pré-Queda significa preparar-se para o final dos tempos da melhor maneira possível, pois o mundo envelheceu e a morte é certa. O desejo angustiado de desfrutar a eternidade na morada celeste, com direito à espera pós-morte no Paraíso Terrestre, ou melhor, na *terra repromissionis*, está presente na *Navigatio*. Vemo-lo quando o eremita Paulo diz a Brandão que permaneceria naquela condição até o Dia do Juízo(34). Da mesma maneira, percebemos a forte marca do final dos tempos na exortação do abade ao pequeno etíope na Ilha Desabitada: “*precipio tibi in nomine Domini Jhesu Christi ut nullum hominem ledas usque diem iudicii.*” (NAVIGATIO, 1989: 16).

Entretanto, há um trecho do texto na qual essas idéias ficam mais evidentes. Quando os monges finalmente alcançam a *terra repromissionis*, o jovem mensageiro de Deus que havia lhes acompanhado no último percurso, diz a São Brandão que chegara o momento de retornar a sua pátria, pois sua peregrinação havia findado. Depois de muito tempo, quando a perseguição dos cristãos (“*Christianorum persecutio*”) chegasse ao fim, aquela terra tornar-se-ia conhecida aos seus sucessores (35). Estaria a *Navigatio* familiarizada com as populares histórias do Anticristo que reinaria durante trezentos e cinquenta anos e perseguiria os verdadeiros cristãos antes da chegada do final dos tempos? Esta é a hipótese explicativa de David Dumville para aquela passagem, pois, segundo ele, *Antichristi persecutio* era uma referência comum ao reinado do Anticristo na Idade Média (Dumville, 1988: 89-95). Mas, independentemente da confirmação desta idéia, parece-nos relevante reafirmar que, assim como para a maioria dos medievais, a expectativa escatológica é de fato uma realidade presente na *Navigatio*,

Teria a *Navigatio* o tom pessimista, finalista, característico da Alta Idade Média? A expectativa escatológica como ali se apresenta permitiria o seu alinhamento com uma espiritualidade característica daquele período, uma espiritualidade em consonância com a espera do Antigo Testamento? Recordemos que, segundo André Vauchez, “a Alta Idade Média foi particularmente atraída pelo Antigo Testamento, mais de acordo com o estado da sociedade e das mentalidades do tempo que o Novo. [...]. Num Ocidente superficialmente cristianizado, que um poder centralizador tentava unificar com o apoio do clero, a Jerusalém dos Reis e dos grandes sacerdotes não poderia deixar de exercer nos espíritos um fascínio muito particular.”(Vauchez, 1995:16)

De fato, na *Navigatio*, existe um grande número de alusões vétero-testamentárias. Foram identificadas trinta e três referências ao Antigo Testamento e quatro relativas ao Novo Testamento, havendo ainda quatro outras passagens de difícil precisão, as quais poderiam pertencer tanto ao Velho quanto ao Novo Testamento (ver o quadro abaixo) (36). Algumas delas, inclusive, de forte conteúdo escatológico, como por exemplo as passagens extraídas de *Ezequiel* e do *Apocalipse*. Entretanto, não se pode afirmar que o pessimismo do Velho Testamento dê o tom da narrativa. Se o fim do

mundo é uma realidade iminente para os monges da *Navigatio*, sua espera, contudo, é aliviada por possibilidades de esperança como a atenuação das penas que vimos no episódio do Judas infeliz. Lembremos que sua chave explicativa está na questão da misericórdia de Deus que atua em seu favor; o que nos fez concluir que, no texto, a idéia de que o Deus dos cristãos iniciava um processo de aproximação com o mundo dos homens comuns está presente. Ele deixava de ser apenas o Deus Pai, majestático e, até certo ponto, cruel, para afirmar-se Deus Filho, misericordioso. Encontramos confirmação para isso nos próprios adjetivos associados à figura divina que aparecem no texto. Além dos tradicionais justo [*justus* (NAVIGATIO, 1989: 8-9)], bendito [*benedictus* (NAVIGATIO, 1989: 8-9)], verdadeiro [*uerax* (NAVIGATIO, 1989: 146)] e onipotente [*omnipotens* (NAVIGATIO, 1989: 40)]; Deus é lembrado também como aquele que tem misericórdia [*misericordiam* (NAVIGATIO, 1989: 55)], que ajuda e que defende [*adiutor* e *qui nos defendit* (NAVIGATIO, 1989: 55)].

REFERÊNCIAS BÍBLICAS PRESENTES NA *NAVIGATIO*

Antigo testamento – 33 referências

30 diretas

Salmos (145,8; 115, 25-26; 64,1; 1,17; 148,2; 139,17; 46,7; 46,2; 132,1; 64,6 e 99,9; 37,3; 67,36; 117,27; 83,8; 66,1, 69,2 e 115,1; 129,1; 132,1 e 147,12; 64,2, 103,1 e 112,1; 119 a 133; 148,1; 149,1; 150,1; 50,1; 70,1; 89,1; 42,2; 53,3; 114,1; 64,6; 83,5

I Samuel, 17

Jonas 50,2

3 indiretas

Salmos 105,6 e/ou *Salmos* 4,9 e/ou *Baruch* 2,12 ou *Judite* 7,19

Êxodo 3,2

Números 12,24

Novo Testamento – 4 referências

Apocalipse 4,4

Apocalipse 7,10

João 13,34 (duas ocorrências)

Mateus 26,41 e/ou *Marcos* 14,38 e/ou *Lucas* 22,40

Antigo Testamento e/ou Novo Testamento – 4 referências

Ezequiel 48,16 e/ou *Apocalipse* 21,16

Eclesiastes 50,31 e/ou *Apocalipse* 21,23

Êxodo 25,37 e/ou *Números* 8,2 e/ou *Apocalipse* 1,12

Ezequiel 40 e 41 e/ou *Apocalipse* 21

O Deus da *Navigatio* é acima de tudo o Deus *gubernator* e *nautor* (NAVIGATIO, 1989: 12, 40). Talvez pelo ambiente marítimo em que a história se passe, vamos perceber a mão desse Deus timoneiro a conduzir os monges marinheiros, intercedendo pelos ventos e por todas as outras circunstâncias necessárias para o prosseguimento da viagem. Essa metáfora é muitas vezes estendida de Deus Pai para o Cristo. O Pai, no Filho, conduz seus servos pelos caminhos que devem ser trilhados. De fato, a idéia subjacente parece ser a da existência de um determinado roteiro a ser seguido; roteiro no qual alguns eventos podem ser fruto do livre-arbítrio do homem,

mas que no fundo não são capazes de mudar o verdadeiro curso das coisas. Mais uma das lições da *Navigatio*? Talvez.

Ainda que estejamos diante de uma afirmação perigosa do ponto de vista da teologia cristã medieval, ela não é todavia descabida; afinal o cenário intelectual da segunda metade do século IX foi agitado por controvérsias acirradas e debates inflamados sobre graça, livre arbítrio e predestinação. A graça, entendida na acepção de Santo Agostinho, é um favorecimento oferecido gratuitamente por Deus a todos os descendentes de Adão. Por meio dela, o homem se cura dos efeitos do pecado original e se liberta para uma vida genuinamente cristã, o que em última instância o conduz à salvação. Entretanto, a graça oferecida por Deus não é sinônimo de salvação, ela é a via que a possibilita. Para que a salvação seja efetivamente levada a cabo, é necessário que o homem aja fazendo coisas justas e salutares; e, para que o homem aja, é preciso que ele *escolha* agir. Em outras palavras, o homem agraciado deseja agir, mas este desejo só se transforma em ação se ele próprio dispuser o *liberum arbitrium* em seu favor. Assim, graça e ação levam o homem ao afastamento de Adão e sua herança pecadora, aproximando-o de Cristo e com ele da redenção (*De corruptione gratia*). A problemática que une graça, livre arbítrio e predestinação e que abre brechas para heresias e controvérsias sobre o tema, reside na questão de que a graça, para Santo Agostinho, é um favorecimento somado às faculdades naturais humanas e que influi sobre as ações pelas quais se quer o bem, mas que não destrói o livre arbítrio (*De gratia Christi*). (Vacant, 1903: 16, 1638-9; NEW CATHOLIC ENCYCLOPEDIA, 1966: 6, 660-1).

A despeito daquela última afirmação, alguns medievais viram aí uma brecha para questionar se seria possível que alguns homens não merecessem tal favorecimento, predeterminando, assim, o destino dos bons e dos maus. No século IX, o monge beneditino Gottschalk de Orbais (m.c.869) interpreta as idéias de Santo Agostinho de maneira tão literal que acaba por defender uma dupla predestinação inflexível; para os bons, a eterna salvação e para os maus, a eterna punição. Denunciado por Rábano Mauro (c.780-856), é condenado várias vezes. Sua tese foi refutada por eruditos como Hincmar de Reims (806-882), João Escoto Erígena (c.810-870) e Ratramnus de Corbie (c.800-868). Hincmar, por exemplo, defendeu a existência de um livre arbítrio desde que santificado pela graça de Deus. Já Erígena insistiu em uma única predestinação para o bem; por meio do livre arbítrio, um dom de Deus, o homem poderia pecar, mas não estaria predestinado ao pecado. Em oposição a Hincmar, Ratramnus advogou a dupla predestinação, embora apontasse que Deus não fosse responsável pela maldade e nem tão pouco desejasse a punição dos maus indivíduos (NEW CATHOLIC ENCYCLOPEDIA, 1966: 6, 648, 1122; 12, 94; Gilson, 1965: 186-9).

Enfim, mesmo que diante de um panorama tão simplificado dos acontecimentos do período, poderíamos dizer que vestígios desses debates estariam ainda ecoando em nossa versão da *Navigatio*? E de que lado ela estaria? Para responder a tal questão com o mínimo de seriedade, seria necessário a análise de outras passagens do texto; entretanto, a possibilidade não deve ser descartada, uma vez que poderia nos revelar mais uma das facetas da *Navigatio*.

Enfim, não há sentido em se compreender a *Navigatio* como uma peregrinação se não levarmos em conta a questão escatológica, essa realidade tão latente nos meios cristãos medievais e, principalmente, nos ambientes monásticos. No entanto, não se tratava mais de uma espera mergulhada na escuridão ou enevoadada pelas brumas da estagnação e da total impotência diante de Deus. No século X, a cabeça dos homens medievais envolvidos com a produção, reprodução e recepção da *Navigatio* continuava

voltada para trás, na feliz expressão de Le Goff (Le Goff, 1995: 1, 241), mas já é possível notar um certo movimento adiante; uma certa esperança.

Portanto, a peregrinação da *Navigatio* é também um espelho da existência monástica. Desse caminho não participam mulheres, senhores de terra, cavaleiros, burgueses ou qualquer outro tipo humano próprio à sociedade medieval. À exceção dos eremitas, integrantes do meio religioso, como bispos, arcebispos ou mesmo o papa, não estão presentes. A vida em comunidade, orando, louvando e imitando o Senhor nunca é abandonada, pois ela é meio e fim. Fim, porque a opção pelo monasticismo conferia ao indivíduo a existência cotidiana em uma comunidade de eleitos, em uma parte da Jerusalém Celeste. Meio, porque, para ser agraciado com a visão beatífica do Paraíso Terrestre (ainda que apenas por pouco tempo), era preciso transportar aquela existência para fora dos muros dos mosteiros, pelas estradas e mares deste mundo ou para fora dele. Era preciso saber admirar as *magnalia Dei*, compreender o Inferno e o Paraíso e, acima de tudo, vivenciar os sentidos da peregrinação.

Bibliografia

Fontes primárias

- S. BENTO. *Regra*. Singeverga: Edições Ora et Labora, 1992.
- Navegações de S. Brandão nas fontes portuguesas medievais*. Edição e comentários por Aires Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- Navigatio Sancti Brendani Abbatis*. Edição e comentários por Carl Selmer. Dublin: Four Courts Press, 1989.
- The voyage of Saint Brendan*. Tradução por John O'Meara. Gerrards Cross: Colin Smythe, 1991.

Obras de referência

- HASTINGS, J. (ed.). *A Dictionary of the Bible*. Edingurgo: T&T Clark, 1898. 5v.
- NEW CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. Nova York: McGraw-Hill Company, 1966. 15v.
- VACANT, A.; MANGENOT, E. (eds.). *Dictionnaire de Théologie Catholique*. Paris: Etouzey et Ané, 1903. 15v.

Fontes secundárias

- ASFORA, *Navigatio Sancti Brendani Abbatis*: tempo, espaço, Outro Mundo e peregrinação no relato da viagem de São Brandão à *terra repromissionis*. 2002. 133 f. Dissertação (mestrado em História Social). FFLCH – USP, São Paulo.
- BLOCH, Marc. *La société féodale*. Paris: Éditions Albin Michel, 1994.
- BRAY, Dorothy. Allegory in the *Navigatio Sancti Brendani*. *Viator*, 26, 1995, p. 1-10.
- CAROZZI, Claude. *Le voyage de l'âme dans l'Au-delà d'après la littérature latine, V^e – XIII^e siècle*. Roma: École Française de Rome, 1994.
- DUMVILLE, David. Two approaches to the dating of *Navigatio Sancti Brendani*. *Studi Medievali*, 29, 1, 1988, p. 87-102.
- DUPRONT, Alphonse. Pèlerinages et lieux sacrés. In: _____. *Du sacré. Croisades et pèlerinages. Images et langages*. Paris: Éditions Gallimard, 1987, p. 366-415.

- FLETCHER, Richard. *The conversion of Europe from paganism to Christianity 371-1386 A.D.* Londres: HarperCollins, 1997.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha, a história de um país imaginário*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- GILSON, Etienne. *La filosofia en la Edad Media*. Trad. Madrid: Editorial Gredos, 1965.
- GIORDANO, Oronzo. *Religiosidad popular en la Alta Edad Media*. Trad. Madrid: Gredos, 1983.
- GUREVITCH, Aaron. *As categorias da cultura medieval*. Trad. Lisboa: Caminho, 1990.
- HUGHES, Kathleen. The changing theory and practice of Irish pilgrimage. . *The Journal of Ecclesiastical History*, 11, 1960, p. 143-51.
- LE GOFF, Jacques. O deserto-floresta no Ocidente medieval. In: _____. *O imaginário medieval*. Trad. Lisboa: Estampa, 1994, p. 83-99.
- _____. *A civilização do Ocidente medieval*. Trad. Lisboa: Estampa, 1995. 2 v.
- LECLERCQ, Jean. *La spiritualité du Moyen Age*. Paris: Aubier, 1961.
- VAN LUYN, P. Les milites dans la France du XI^e siècle. Examen des sources narratives. *Le Moyen Age*, 77, 1971, p. 5-51.
- VAUCHEZ, André. *A espiritualidade da Idade Média Ocidental*. Trad. Lisboa: Estampa, 1995.

Notas

* O presente artigo foi essencialmente retirado de minha dissertação de mestrado, mais particularmente de seu quinto capítulo (Cf. Wanessa ASFORA, *Navigatio Sancti Brendani Abbatís: tempo, espaço, Outro Mundo e peregrinação no relato da viagem de São Brandão à terra repromissionis*. 2002. 133 f. Dissertação (mestrado em História Social). FFLCH – USP, São Paulo.)

1. A cisão entre sobrenatural e natural é própria da lógica que rege o mundo moderno. Ainda que não disponhamos de informações suficientes para rastrear os primeiros usos da palavra latina *supernaturalis* (embora saibamos que no francês antigo a referência escrita mais antiga à palavra *surpernaturel* date de 1375, segundo o *Le Nouveau Petit Robert*, p. 2180), pode-se dizer, juntamente com Marc Bloch, que para a maior parte dos homens da Idade Média “[...] toute conception du monde d’où le surnaturel fût exclu demeurait profondément étrangère aux esprits de ces temps [...]” (Bloch, 1994: 128).

2. Nossa referência para compreensão de imaginário é a sua definição oferecida pelo Prof. Hilário Franco Júnior: “por ‘imaginário’ entendemos um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral.” (Franco Júnior, 1998: 16).

3. Doravante referida apenas como *Navigatio*. A edição dos textos latinos utilizadas para este artigo é *Navigatio Sancti Brendani Abbatís, from Early Latin Manuscripts*, edição e comentários por Carl Selmer, Dublin, Four Courts Press, Dublin, 1989.

4. As fontes históricas não são unânimes em definir as datas que envolveram a vida de Brandão. Apresentamos aqui aquelas fornecidas por John O’Meara em sua tradução do texto latino para o inglês (THE VOYAGE, 1991: ix.).

5. “*Definuit ergo sanctus Brendanus et hi [qui] cum eo erant ieiunium quadraginta dierum, semper per triduanas, et postea proficisci.*” (NAVIGATIO, 1989: 10).

6. “*Finitis iam [aliquantis] diebus, sanctus pater precepit triduanum ieiunium. [...]. Iterum uir Dei predictum ieiunium cum fratibus suis.*” (NAVIGATIO, 1989: 54).

7. “*Interim flabat illis uentus odorem suauissimum, ita ut obliuium illorum iunium conaretur.*” (NAVIGATIO, 1989: 54.).

8. A romã é constantemente mencionada na Bíblia. Sua árvore é também aludida no Corão como sendo uma das árvores do Paraíso. (Hastings, 1898: 4, 14-5).

9. “*Cum uero uidisset famulos Christi transire iuxta illam insulam, reuersus est in suam officinam.*” e “*O milites Christi, roboramini in fide non ficta et in armis spiritualibus, quia sumus in confinibus infernorum. [...].*” (NAVIGATIO, 1989: 62-3.).

10. O eremita Paulo que aparece na *Navigatio* pode ser uma alusão a Paulo de Tebas, o primeiro eremita, segundo São Jerônimo. Paulo de Tebas teria se entregado à vida eremítica antes mesmo que Santo Antônio do Egito. Assim como o Paulo da *Navigatio*, ele também vivia em uma gruta, mas ao invés de vestir-se com os pêlos do próprio corpo e receber alimento de uma lontra, ele cobria-se com folhas de palmeira e todos os dias alimentava-se com meio pão que lhe era trazido por um corvo. (Le Goff, 1994: 85).

11. “*At uero sanctus Brendanus, cum hec uidisset, contristatus est intra se, dicens: “Ve mihi, qui porto habitum monachicum, et sub me consituti sunt [multi] sub nomine illius ordinis, cum uideo [modo] in angelico statu hominem in carne adhuc sedentem inlesum a uiciis corporis”. Cum ait uir Dei: “O unerabilis pater, quanta et quali mirabilia ostendist Deus tibi que nulli sanctorum patrum manifestauit. Et tu dicis in corde tuo non esse te dignum monachicum portare habitum, cum sis maior quam monachus. Monachus uero labore manuum suarum utitur et uestitur. Deus autem de suis secretis per septem annos pascit te cum tua familia et induit. Ego uero miser sedeo sicut auis in ista petra, nudus exceptis meis pilis.”*”(NAVIGATIO, 1989: 72-3.).

12. Para uma abordagem mais detalhada sobre este aspecto ver Kathleen HUGHES, *The changing theory and practice of Irish pilgrimage*, p.143-51.

13. Ver o desenvolvimento desta hipótese em Wanessa ASFORA, *Navigatio Sancti Brendani Abbatis: tempo, espaço, Outro Mundo e peregrinação no relato da viagem de São Brandão à terra repromissionis*, 2002, p.111-17.

14. Na tradição de Columba, a peregrinação como um estado de vagar estava associada à vida de um fora da lei ou de um exilado, já que um homem podia sair em peregrinação voluntariamente (*ailithre*) ou ser enviado para o exílio como pena. Nos Penitenciais irlandeses, a idéia permanece, o exílio imposto (*deo raidecht*) freqüentemente se desenvolvia em peregrinação, como no caso do *Penitencial de Cummean* (I.12 e IV.6) do século VII, que condenava ao exílio perpétuo o homem que tivesse cometido assassinato após tornar-se monge. O que encontramos no mundo secular não era muito diferente, para as antigas leis irlandesas, um homem podia ficar isento da penhora de seus bens se partisse em peregrinação. Era comum também lançar criminosos ao mar, em barcos sem remos, como forma de castigo. (Bray, 1995: 4 e Hughes, 1960: 145-6).

15. “*Post hec accepta benedictione sancti patris et omnium monachorum qui cum eo erant, profectus est in ultimam partem regionis sue, ubi demorabantur parentes eius. Attamen noluit illos videre [...].*” (NAVIGATIO, 1989: 10).

16. “*Cumque ille solus stetisset in litore et benedixisset portum, ecce tres frates superuenerant de suo monasterio post illum. Qui statim ceciderunt ante pedes sancti patris, dicentes: “Pater, dimitte nos ire tecum quo iturus es, alioquin moriemur in isto loco fame et siti. Decreuimus peregrinari diebus uite nostre.”*” (NAVIGATIO, 1989: 11).

17. “*Itaque accepta eucharistia, anima fratris egressa est de corpore, suscepta ab angelis lucis uidentibus fratribus.*” (NAVIGATIO, 1989: 16.).

18. “*Fili, recordare quanta beneficia proposuit tibi Deus in hoc seculo. Vade et ora pro nobis”. Protinus secutus est duos iuuenes ad eorum scolam.*” (NAVIGATIO, 1989: 52).

19. “[...] *at uero uenerabilis pater cum suis sociis aspiciebat uomodo ducebatur ille infelix a multitudine demonum ad tormenta et quomodo incendebatur inter illos, atque dicebat: “Ve tibi, fili, quia recepisti in uita tua meriti talem finem.”*”(NAVIGATIO, 1989: 64).

20. “*Habebant autem prosperum uentum, et nihil eis fuit opus nauigare nisi tantum tenere uela.*” (NAVIGATIO, 1989: 12).

21. “*Cumque cepissent nauigare ad illam, subuenit illis prosper uentus in adiutorium, ut non laborarent plus quam uires sustinere possent.*”(Idem, p.17.).

22. “*Post hec iterum uentum illis suscitauit Deus prosperum ab occidente contra orientem.*”(NAVIGATIO, 1989: 40).

23. “*Sanctus uero Brendanus per octo dies prospero uento et uelis extensis uix potuit mare clare transmeare.*”(NAVIGATIO, 1989: 58).

24. “*Extensis omnibus, cepit prosper uentus post illos flare ita ut nihil illis opus fuisset nauigare nisi tantum tenere funiculos et gubernaculum.*”(NAVIGATIO, 1989: 61).

25. “*Iterum arripuit illos prosper uentus ad australem plagam.*”(NAVIGATIO, 1989: 65).

26. “*Post quindecim uero dies cessauit uentus [...]. Consummatis iam quadraginta diebus et omnibus dispendiis que ad uictum pertinebant, apparauit illis quedam insulam [...].*”(NAVIGATIO, 1989: 12).

27. “*Quadam uero die apparuit illis insula non longe, et cum appropinquassent ad litus, traxit illos uentus a portu.*”(NAVIGATIO, 1989: 29.).

28. “*Porro tres dies et tres noctes cessauit uentus et cepit mare esse quasi coagulatum pre nimia tranquillitate.*”(NAVIGATIO, 1989: 39).

29. “*Mansit ergo ibi sanctus Brendanus tres menses, quia erat tempestas in mari et uentus fortissimus et inequalitas aeris de pluuiis et grandine.*”(NAVIGATIO, 1989: 47).
30. “*Vere, frates, angustia est mihi de hac insula, [quia] nolo in illam ire aut etiam sibi appropinquare, sed uentus illuc subtrahit nos recto cursu.*”(NAVIGATIO, 1989: 61).
31. “*Et statim rapidissimo cursu uentus traxit illos ad litus eiusdem insule usque dum nauis resedit non longe a terra.*”(NAVIGATIO, 1989: 64).
32. “*Tamen minime poterant inuenire portum, ubi staret nauis.*”(NAVIGATIO, 1989: 13).
33. “*Cum autem uenissent ad aliam insulam, cepit illa nauis stare antequam portum illius potuissent tenere. Sanctus Brendanus precepit fratribus exire de nauis in mare, et ita fecerunt. Tenebantque nauim ex utraque parte cum funibus usque dum ad portum uenissent.*”(NAVIGATIO, 1989: 20).
34. “[...] expectare diem iudicii in ista carne.” (NAVIGATIO, 1989: 76).
35. “*Appropinquant enim dies peregrinationis tue, ut dormias cum patribus tuis. Post multa uero curricula temporum declarabitur ista terra successoribus uestris, quando Christianorum superuenerit persecutio.*”(NAVIGATIO, 1989: 80) Este trecho foi por vezes considerado a chave para a datação da Navigatio. Para James Carney, a perseguição de que fala o texto estaria fazendo referência à perseguição viking quando da suas invasões ao continente no início do século IX; daí a Navigatio ter sido composta por volta do ano 800, ou no máximo algumas décadas depois. David Dumville rechaça esta hipótese e afirma que o citado trecho não se refere à invasão viking e sim às idéias associadas ao final dos tempos bastante familiares aos homens da Idade Média; daí para este autor a chave da datação do texto se encontrar em outras passagens. (Dumville, 1988: 89-102.).
36. Todas as referências mencionadas baseiam-se no trabalho de pesquisa já realizado por Carl Selmer e que se encontra em Carl SELMER (ed.), *Navigatio, op. cit.*, p. 83-92.